

O engajamento do colaborador do telejornal na cobertura da pandemia da Covid-19¹

Paulo CAJAZEIRA

Doutor ²

José Jullian Gomes de SOUZA³

Mestre

Paulo Henrique Rodrigues de SOUZA⁴

Mestrando

Universidade Federal do Cariri, Juazeiro do Norte, CE

Resumo

O presente estudo consiste em refletir acerca do uso de imagens produzidas por meio de dispositivos móveis pelo telejornalismo local durante o primeiro trimestre da pandemia da Covid-19. Como objeto de análise escolheu-se o telejornal CE 1 da TV Verdes Mares, afiliada à Rede Globo de Televisão no Ceará. Reflete-se sobre a reconfiguração do jornalismo televisivo, a partir de seus modos de funcionamento e formatos narrativos, com base em estudos dos autores Cajazeira (2014) e Canavilhas (2017) quanto ao uso de novas ferramentas técnicas de registro do real (celulares, *smartphones* e *tablets*) para a aquisição de competências na produção de conteúdos e a crescente interferência dessas mensagens na produção das reportagens audiovisuais.

Palavras-chave

Documentos audiovisuais; dispositivos móveis; telejornalismo local; uso da informação.

Introdução

O Ceará foi um dos principais focos de entrada do novo coronavírus no Brasil, em razão do alto fluxo de passageiros em voos internacionais vindos da Europa com destino a Fortaleza. Por isso, foi um dos primeiros a adotar medidas restritivas de circulação das pessoas, como forma de conter a disseminação do vírus. No dia 16 de março de 2020, o Governo do Estado publicava decreto com medidas sanitárias contra a pandemia. O assunto foi coberto pelo telejornal CETV, cujo conteúdo compõe o *corpus* desta pesquisa. Começava ali uma cobertura telejornalística que dura até hoje e que provocou mudanças no que é exibido pelos telejornais e no modo de fazer, como veremos neste estudo.

¹ Trabalho apresentado no GT História das Mídias Audiovisuais, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia.

² Doutor em Comunicação e Semiótica – PUC de São Paulo, Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia – Universidade Federal do Cariri (UFCA). Pesquisador do Centro de Estudos e Pesquisa em Jornalismo – CEPEJor/CNPq/UFCA. E-mail: cajazeirap@gmail.com

³ Mestre em Biblioteconomia – PPGb/UFCA, Pesquisador do Centro de Estudos e Pesquisa em Jornalismo – CEPEJor/CNPq/UFCA. E-mail: jullianjose64@gmail.com

⁴ Mestrando em Biblioteconomia – PPGb/UFCA, Pesquisador do Centro de Estudos e Pesquisa em Jornalismo – CEPEJor/CNPq/UFCA. E-mail: paulo.souza@fapce.edu.br

Com a finalidade de cumprir os protocolos sanitários da Organização Mundial de Saúde (OMS), a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) orientou que os profissionais evitassem locais considerados de risco, como: (a) qualquer tipo de estabelecimento de saúde; (b) lar para idosos; (c) casa de uma pessoa doente, alguém com problemas de saúde ou alguém que possa estar grávida; (d) necrotério, crematório ou serviço funerário; (e) zona de quarentena, isolamento ou bloqueio.

Essas medidas tiveram impacto direto na rotina de produção dos jornalistas. O período de análise deste estudo compreende os meses de março, abril e maio de 2020, o primeiro trimestre de cobertura jornalística da pandemia da Covid-19. Foram vistas edições do telejornal local CETV. Por se tratar de um acompanhamento de desdobramentos evolutivos ascendentes e descendentes de uma crise sanitária de escala global, procura-se compreender os recursos utilizados pelas equipes de jornalismo para terem acesso às imagens em zonas interditadas por causa do risco de contaminação.

Edição após edição, foi possível perceber que o material captado por dispositivo móvel pela audiência e colaboradores dos telejornais torna-se mais frequente na estrutura das reportagens de TV. Nesta pesquisa, acredita-se, por hipótese, que o distanciamento social e os cuidados de prevenção ao contágio vírus impactam diretamente na produção jornalística na televisão, acelerando um fenômeno que já vinha sendo notado e estudado por pesquisadores como Cajazeira (2014) e Canavilhas (2017). A colaboração por parte de telespectadores junto ao telejornal.

Contudo, um outro fenômeno se visualiza, a participação ativa das fontes colaboradoras na apreensão das imagens dos tratamentos: falas de pacientes e a sua recuperação. Podemos afirmar que os profissionais que trabalham nestes estabelecimentos de saúde são os reais responsáveis por este tipo de jornalismo colaborativo: a fonte participativa. Devido às restrições impostas pelo distanciamento social, foram esses vídeos gravados em dispositivos móveis a garantia da cobertura do telejornalismo da pandemia da Covid-19.

Um outro exemplo que se tornou bem comum foi a participação dos próprios repórteres direto das suas casas. No dia 23 de março de 2020, por exemplo, a apresentadora do CE1 da TV Verdes Mares Nádia Barros anunciava que o jornalista Waldir Almeida, do G1 Ceará, assim como outros profissionais, já estava trabalhando de casa. O teletrabalho se tornou uma medida adotada por redações como forma de manter a produção de notícias reduzindo o risco de contágio por parte dos jornalistas. Ela chamava a participação do

jornalista, que foi gravada em celular e exibida, com nítida diferença na qualidade da imagem e do áudio (conforme anexo 1).

Em roda de conversa no dia 14 de abril de 2021, promovida pelo Centro de Estudos e Pesquisa em Jornalismo da Universidade Federal do Cariri (UFCA), no canal no Youtube da webtv universitária Cariri TV. A jornalista Dulcinéia Novaes (RPC TV/PR e TV Globo), uma das repórteres da televisão brasileira, em atividade, com mais de 30 anos de profissão frente às câmeras, falou sobre o trabalho de repórter de TV sem sair de casa. Em mais de uma hora de conversa, a jornalista da Rede Paranaense de Comunicação (RPCTV) disse que as colaborações feitas pelos próprios entrevistados garantiram que a cobertura continuasse sendo feita. Neste artigo, quando da análise dos resultados, apresentar-se-ão algumas das falas da repórter que corroboram com a hipótese desta pesquisa, que aponta a pandemia como a causadora de uma mudança no modo de fazer do jornalismo. Aumentando assim, a participação do material colaborativo gravado a partir de dispositivos móveis.

Objetivos

O objetivo principal deste estudo é refletir sobre o uso de imagens produzidas por meio de dispositivos móveis no telejornalismo local durante a cobertura da pandemia do coronavírus no Ceará. O problema de pesquisa pode ser sintetizado na seguinte questão: em que medida a utilização de imagens colaborativas contribuem na produção de reportagens durante a cobertura jornalística da Covid-19? Acredita-se, por hipótese, que o distanciamento social e os cuidados de prevenção ao contágio do novo coronavírus impactam na produção jornalística na televisão. As imagens colaborativas produzidas por entrevistados contribuíram com as narrativas da cobertura jornalística da pandemia. O fenômeno já identificado por outros pesquisadores, como Cajazeira (2014) e Canavilhas (2017), foi acelerado, com o crescimento exponencial da colaboração, a ponto de ser possível, por da análise de conteúdo, categorizar diferentes tipos de colaborações.

Para alcançar o objetivo principal, que é de refletir o uso de imagens colaborativas, são necessários três objetivos específicos: (i) acompanhamento do conteúdo jornalístico exibido pelo telejornal CETV entre os meses de março, abril e maio de 2020; (ii) identificar tipos de colaboração que podem ser agrupados em categorias, já que apresentam características comuns; analisar de que forma essas novas formas de colaboração estão ligadas ao que se pode chamar de jornalismo colaborativo, já identificado por pesquisadores.

Metodologia

Trata-se de pesquisa de natureza qualitativa, descritiva, documental e exploratória. Utiliza-se da análise do conteúdo, a fim de verificar os tipos de imagens identificadas no *corpus* analisado, que são as edições do telejornal CETV entre os meses de março e maio de 2020. O recorte temporal teve como critério o fato de representar o primeiro trimestre da pandemia no Ceará. O telejornal escolhido é o da afiliada da Rede Globo no Ceará, pertencente à TV Verdes Mares, considerado o de maior audiência no estado. Os vídeos foram acompanhados pela internet, o site da Globoplay, como se pode ver na seção de referências, porém esta pesquisa tem um diferencial: um dos pesquisadores é colaborador do telejornal, tendo visão privilegiada do objeto, o que se pode inferir que a pesquisa-ação também faz parte do arsenal metodológico utilizado.

Resultados, discussão e análise

A pandemia da Covid-19 revolucionou o telejornalismo atual. De repente, o repórter não pôde mais chegar perto do entrevistado. Foi preciso usar dois microfones direcionais como forma de manter o distanciamento social, reduzindo o risco de contágio pelo coronavírus. O repórter ficaria com um, e o entrevistado, com outro microfone, segurando com as mãos devidamente higienizadas, usando álcool em gel antes de tocar no equipamento e usando novamente depois da entrevista. É a nova forma de entrevistar. Não foi a única mudança. O repórter teve que começar a usar máscara, outra maneira de reduzir o risco de contágio.

Outra alteração causada pela pandemia é que repórteres e cinegrafistas passaram a evitar locais com aglomeração. A fila do banco com pessoas em busca do auxílio emergencial deveria ser mostrada de longe. Entrar num abrigo de idosos não era possível. Algo muito perigoso para aquelas pessoas que fazem parte do grupo de risco da doença pela fragilidade do organismo. Os hospitais também precisaram ser evitados. Ofereciam muito risco às equipes de telejornalismo. A gravação de stand-up⁵ era realizada na frente das unidades de saúde.

Mas era preciso fazer jornalismo, ouvir pessoas, contar histórias reais. Como fazer isso mantendo o distanciamento social e, muitas vezes, sem poder estar no local onde o fato

⁵ Stand-up é a gravação do repórter no local dos acontecimentos com a finalidade de transmitir a realidade dos fatos.

acontece? A pandemia que vai marcar o século XXI está acontecendo num momento em que os dispositivos móveis que gravam imagens se tornaram populares e capazes de compartilhar com rapidez e qualidade. A tecnologia se tornou aliada do telejornalismo. Nunca se usou tanta imagem de celular na TV. É o que apontam estudiosos como Cajazeira (2014), que analisa a colaboração cidadã no telejornalismo, e Canavilhas (2015, 2017), que tem organizado pesquisas que abordam o uso de dispositivos móveis na produção de conteúdo telejornalístico. Mesmo que de qualidade pior se comparado com a imagem e o áudio produzidos por equipamentos profissionais, esses documentos audiovisuais pessoais têm colaborado para contar histórias, para narrar os fatos dessa pandemia que mudou tudo, inclusive o telejornalismo.

Pesquisadores (Cajazeira; Souza; Souza, 2021) entrevistaram jornalistas que trabalham em redações de telejornais locais do Ceará. A conclusão segundo os autores é de que editores, produtores e repórteres têm acumulado experiências em relação à cobertura da pandemia e a forma de como os documentos audiovisuais pessoais se tornaram ainda mais comuns do que já eram, já que a colaboração vem sendo uma tendência do telejornalismo (Cajazeira, 2014). No caso de 2020, pelos relatos dos entrevistados, é possível dizer que o documento audiovisual pessoal produzido por dispositivo móvel se tornou, em algumas coberturas, essencial, imprescindível para que o fato fosse noticiado.

O telejornalismo e as mídias digitais se fundem cada vez mais na sociedade contemporânea, marcada pela mobilidade e sofisticados dispositivos de comunicação. Esse processo tem sido intensificado, desde a última década (2010), devido ao barateamento das tecnologias digitais, equipamentos móveis com câmeras sofisticadas, expansão da rede de internet móvel 3G e 4G, e o estímulo à participação e interação do público com o telejornal. Assim, as imagens de câmeras profissionais de última geração dividem espaço com as imagens do telespectador, capturadas, sobretudo, por smartphones, e que são enviadas para o telejornal evidenciando caráter participativo do telespectador. (CAJAZEIRA; SOUZA; SOUZA, 2021, p. 101)

Este conjunto de fragmentos do real representado pelas imagens gravadas pelos colaboradores têm sido de todo tipo, desde sonoras (no jargão televisivo, a fala gravada do entrevistado), passando pelas imagens de apoio (no jargão, imagens do entrevistado que antecedem sonoras e em que o entrevistado é apresentado numa fala em *off*) e ainda imagens comuns, mostrando locais onde o fato ocorre. Essas imagens complementam a estrutura das reportagens e dão cadência à narrativa ao evidenciar os fatos do presente na cobertura dos

offs. Considera-se, neste estudo, o conteúdo colaborativo como lugares de memória que auxiliam no processo de edição das informações.

A partir da análise de conteúdo, é possível categorizar esses documentos audiovisuais apreendidos por dispositivos móveis de duas formas: 1) espontâneos (gravados pelo público/audiência e enviados às redações de TV) e 2) solicitados (gravados a pedido das equipes de jornalismo). Ou seja, têm-se, diante da pandemia, duas situações distintas no processo de apreensão e envio de conteúdo colaborativo na produção das reportagens: 1) o engajamento voluntário ou espontâneo e 2) o engajamento solicitado. Essas situações de participação já existiam antes da crise sanitária, contudo, o que chama a atenção é a necessidade continuada do documento audiovisual colaborativo na estrutura das reportagens da cobertura da Covid-19.

Conforme analisa Emerim (2018), as imagens e os testemunhos destes documentos audiovisuais pessoais complementam as reportagens no período da pandemia, de modo *epistêmico* com informações relevantes sobre a realidade, que podem apenas ser contadas pela intervenção do colaborador no processo de produção. O modo *estético* oferece sensações de identificação do espectador com a representação do real, ao verem a situação nos hospitais e o testemunho de profissionais de saúde, pessoas curadas da doença e parentes das vítimas - ou seja, o olhar de quem está vivenciando de perto essa situação.

O engajamento voluntário já é fenômeno comum no telejornalismo brasileiro, como Cajazeira (2014) mostrou quando analisou os quadros de telejornais da RPC que abrem espaço para os telespectadores. Geralmente, são pautas jornalísticas ligadas a problemas nas cidades, o buraco de rua, a falta de água, a negligência médica. Essas gravações espontâneas foram se aprimorando com a popularização das câmeras de segurança em estabelecimentos comerciais e residências. Essas câmeras também produzem conteúdo espontâneo, não solicitado, que acaba chegando às redações por meio da polícia ou por meio de pessoas envolvidas na própria situação. Durante a análise do *corpus*, eram inúmeros os exemplos, como o do dia 31 de março de 2020, quando câmeras de segurança flagraram uma vigilante sendo assaltada. É o um tipo de imagem espontânea registrada por câmeras fixas instaladas em estabelecimento.

Se o material de colaboração espontâneo não teve tanto avanço na pandemia, o do tipo solicitado cresceu de forma expressiva. De repente, a imagem de celular, antes criticada por profissionais pela baixa qualidade, principalmente de áudio, passou a ser a única forma de garantir a cobertura e torná-la rica, apesar das restrições. Entre os exemplos, está o que

trouxe depoimentos exibidos no dia 23 de março de 2020, com cearenses que moram no exterior falando sobre a pandemia. Eram duas mulheres, uma morando na Espanha, a outra na Itália. Essas imagens foram solicitadas. Um exemplo ainda mais evidente de como a pandemia mudou a forma de produzir conteúdo jornalístico: no dia 25 de março de 2020, um paciente com Covid-19 aparecia no telejornal em vídeo-*selfie* deitado numa rede relatando que ter a doença era como sentir que vai morrer afogado.

No dia 4 de abril, o telejornal exibiria o vídeo gravado em celular de um professor chamado Paulo Vieira que falava sobre otimismo mesmo durante a pandemia, uma contribuição para um quadro que surgiu dentro da cobertura da pandemia. Outra forma de produção de conteúdo por parte do telejornal CETV foi a exibição de entrevista com especialista feita com respeito ao distanciamento.

Imagem 1 – Especialista é posicionado na parte externa da emissora de TV



Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/8404267/>.

Em vez de fazer a entrevista no estúdio, o especialista é posicionado fora da emissora, numa área externa e aparece no telão para ser entrevistado pelos apresentadores.

Sá (2015), quando analisou a imprensa de TV portuguesa, apontou para o fato de que o telejornalismo passava a ser o resultado de uma convergência de conteúdos produzidos por profissionais e por amadores.

São dados que podem confirmar um aumento do poder das audiências na produção jornalística, mesmo dos media tradicionais. Trata-se, assim, de uma nova realidade para o jornalismo, em especial, para o televisivo: além da

convergência de plataformas, o telejornalismo é agora – e cada vez mais – o resultado da convergência de conteúdos produzidos por profissionais e por amadores, no qual as potencialidades dos dispositivos móveis são cruciais. (SÁ, 2015, p. 378)

O diferencial que esta pesquisa pode apontar é que, além do telespectador, fontes diretamente envolvidas com a notícia começam a produzir as próprias imagens. Como exemplo, está a reportagem exibida no dia 15 de abril, com título “No Cariri, estudantes assistem aulas virtuais há um mês”, que tratou da rotina de aulas remotas, que começavam àquela época. No momento em que este texto é escrito, a maioria dos estudantes do Ceará segue com aulas virtuais. No caso dessa reportagem, a estudante, as duas coordenadoras de educação e uma psicóloga, todas as que participam na reportagem tiveram suas imagens e áudio gravados em dispositivo móvel não profissional. Apenas a participação do repórter dentro da reportagem, momento que é chamado de passagem no jargão, foi gravada com material com equipamento profissional.

Imagem 02 – Educação remota na pandemia da Covid-19



Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/8484178/?s=0s>

Nas capturas de tela anexadas, é possível notar a diferença de qualidade nas imagens: o repórter aparece com mais brilho. A possibilidade de usar imagens captadas via dispositivo móvel.

Mediante aos relatos dos jornalistas, as transformações nas rotinas jornalísticas e, sobretudo do uso das imagens na composição da notícia, já ocorria com a expansão dos dispositivos móveis e as novas tecnologias de

captação de imagens. Além disso, a relação entre o espectador (usuário da informação) e o telejornal (produtor de informação) também foi modificada com a introdução das novas tecnologias de informação e comunicação. (CAJAZEIRA; SOUZA; SOUZA, 2021, p. 105)

Na entrevista que concedeu ao CEPEJOR/UFCA em 14 de abril de 2021, transmitida pelo YouTube, a jornalista Dulcinéia Novaes relatou a experiência que tem tido com o uso de imagens captadas por celular. Algumas emissoras de TV mantiveram os seus jornalistas com 60 anos ou mais trabalhando de casa, já que fazem parte do grupo de risco. Alguns só voltaram a trabalhar nas ruas depois de vacinados com as duas doses da vacina contra a covid aplicadas. A experiente Dulcinéia trabalhou de casa e viu que os celulares e a coloração das fontes gravando os próprios vídeos seriam.

Faço tudo muito pelo *smartphone*. Gravo as entrevistas. Peço para que as pessoas me mandem as imagens. *Esse hoje é o nosso modo de fazer*. Peço para que as pessoas me mandem as imagens de apoio. As pessoas colaboram muito. Acabo ganhando muitos colaboradores. Sem os nossos entrevistados mandando as imagens de apoio, não tem como a gente ilustrar uma notícia. (Entrevista ao CEPEJOR/UFCA em 14 de abril de 2021) [grifo nosso]

Ainda relatando a experiência de Dulcineia, além do celular, os jornalistas descobriram também que era possível entrevistar via aplicativos como Skype e Zoom. Ela informou também que, diferentemente de quando o repórter ia às ruas, agora, trabalhando de casa, houve uma ligação maior com o editor que fica na Redação, com maior troca de informações.

Considerações finais

Este estudo propõe a reflexão sobre o impacto da pandemia do novo coronavírus sobre a produção do telejornalismo local. As medidas restritivas de circulação de pessoas atingiram o trabalho dos profissionais da imprensa, que tiveram que encontrar alternativas para cobrir os fatos a distância. Por meio da análise do telejornal CE1, da TV Verdes Mares, verificou-se que o uso de documentos audiovisuais pessoais se tornou mais comum durante a pandemia, seguindo uma tendência do jornalismo chamado colaborativo já identificada por outros estudiosos, como Cajazeira (2014).

O uso de imagens de celular no telejornalismo mudou o modo de fazer, como afirmou a experiente Dulcinéia Novaes, ouvida pelo CEPEJor. Mas é preciso analisar em outros estudos esse desdobramento do problema de pesquisa verificando até que ponto o uso dessas imagens não pode criar uma espécie de dependência tecno-profissional de aplicativos de

mensagens. Além dos prós e contras de uma entrevista gravada pela própria fonte, sem a condução do repórter.

REFERÊNCIAS

CAJAZEIRA, P. **O jornalismo colaborativo no telejornal com as novas mídias digitais**. 2011. 156 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

CAJAZEIRA, P. SOUZA, J. J. G. de, SOUZA, P. H. R. de. **O processo de uso, produção e apropriação das imagens de arquivos audiovisuais jornalísticos em dispositivos móveis**. Revista Analisando Ciência da Informação, RACIn, João Pessoa, v. 9, n. 1, p. 98-108, jan./jun. 2021. Disponível em http://arquivologiauepb.com.br/racin/edicoes/v9_n1/racin_v9_n1_artigo06.pdf. (Acesso em 15 de junho de 2021)

DANTAS, I. H.; ROCHA, H. C. L. da. **Dispositivos móveis na construção da notícia: a experiência do portal regional NE10**. In: CANAVILHAS, João; RODRIGUES, Catarina. (orgs.). **Jornalismo móvel: linguagem, gênero e modelo de negócios**. Covilhã, Portugal: UBI/ LabCom, Livros LabCom, 2017. p. 61-82.

EMERIM, C. **Aproximações entre a análise diagnóstica por imagens com a análise semiótica em telejornalismo**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 41., 2018, Joinville. Anais [...], Joinville: Universidade da Região de Joinville, 2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-2153-1.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2021.

SÁ, S. **O jornalismo televisivo e os dispositivos móveis: o aumento das imagens amadoras**. In: CANAVILHAS, J; SANTUF, I. (orgs.). **Jornalismo para Dispositivos Móveis: produção, distribuição e consumo**. Covilhã, Portugal: UBI/ LabCom, 2015. p. 363-380.

TEIXEIRA, J. F. **Jornalismo audiovisual com e para dispositivos móveis: um estudo das aplicações no smartphones nos processos e produtos jornalísticos das emissoras de televisão no Piauí**. Covilhã, Portugal: UBI/ LabCom, Livros LabCom, 2019.

Reportagens e entrevistas

Cardíacos são mais vulneráveis ao coronavírus, diz especialista. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/8427498/?s=0s>. (Acesso em 8 de junho de 2021)

Casos de coronavírus triplicam no Ceará e governador decreta estado de emergência. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/8404267/>. (Acesso em 9 de junho de 2021)

Cearenses que moram no exterior relatam experiências em quarentena. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/8424299/?s=0s>. (Acesso em 8 de junho de 2021)

Em Fortaleza, vigilante em serviço é assaltado por bandido. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/8446245/?s=0s>. (Acesso em 1 de maio de 2021)

Entrevista com Dulcinea Novaes – [CEPEJOR]. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=mrNMoy5wPgY>. (Acesso em 9 de junho de 2021)

Escritor Paulo Vieira dá palavras de otimismo para enfrentar a pandemia. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/8457577/?s=0s>. (Acesso em 7 de junho de 2021)

No Cariri, estudantes assistem aulas virtuais há um mês. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/8484178/?s=0s>. (Acesso em 9 de junho de 2021)

Sensação é morrer afogado, diz paciente diagnosticado com Covid-19 no Ceará. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/8430581/?s=0s>. (Acesso em 8 de junho de 2021)